

CARTA DO PAPA JOÃO PAULO II

POR OCASIÃO DO CENTENÁRIO DA CONSAGRAÇÃO
DO GÊNERO HUMANO AO CORAÇÃO DIVINO DE JESUS

VARSÓVIA, 11 DE JUNHO DE 1999¹

Caríssimos irmãos e irmãs,

1. A comemoração do centenário da Consagração do gênero humano ao Coração divino de Jesus, estabelecida para toda a Igreja por meu predecessor Leão XIII com a Carta Encíclica *Annum Sacrum* (25 de maio de 1899: *Leonis XIII P.M. Acta*, XIX [1899], 71-80) e realizada em 11 de junho de 1899, nos impele, antes de tudo, à gratidão para com “Aquele que nos ama e nos libertou dos nossos pecados com o seu sangue, e fez de nós um reino de sacerdotes para o seu Deus e Pai” (Ap 1,5).

A feliz circunstância revela-se também muito oportuna para refletirmos sobre o significado e o valor daquele importante ato eclesial. Com a Encíclica *Annum Sacrum*, o Papa Leão XIII confirmou o que já haviam realizado seus predecessores, para custodiar religiosamente e dar maior realce ao culto e à espiritualidade do Sagrado Coração. Com a consagração, ele pretendia obter “frutos insignes, em primeiro lugar em benefício da cristandade, mas também de toda a sociedade humana” (ibid., p. 71). Ao pedir que fossem consagrados não apenas os crentes, mas todos os homens, ele conferia novo sentido e direção a uma prática já cultivada, havia dois séculos, por pessoas, grupos, dioceses e nações.

A consagração do gênero humano ao Coração de Jesus foi, portanto, apresentada por Leão XIII como “o cume e o coroamento de todas as honras que

¹ Fonte: https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/it/letters/1999/documents/hf_jp-ii LET_19990611_consagrazione-sacro-cuore.html. Acesso em 11 de outubro de 2025.

costumavam ser tributadas ao Sacratíssimo Coração” (*Annum Sacrum*, cit., 72). Tal consagração, explica a Encíclica, é devida a Cristo, Redentor do gênero humano, por aquilo que Ele é em si mesmo e pelo que realizou em favor de todos os homens. Pois no Sagrado Coração o crente encontra o símbolo e a viva imagem da infinita caridade de Cristo, que por si mesma nos impele a amarmo-nos mutuamente. Assim, ele não pode deixar de sentir a exigência de participar pessoalmente na obra da salvação. Por isso, cada membro da Igreja é convidado a ver na consagração um ato de entrega e de compromisso para com Jesus Cristo, Rei “dos filhos pródigos”, Rei que chama todos “ao porto da verdade e à unidade da fé”, Rei de todos os que esperam ser introduzidos “na luz de Deus e em seu Reino” (Fórmula de consagração). A consagração, assim entendida, deve ser associada à ação missionária da própria Igreja, pois responde ao desejo do Coração de Jesus de difundir no mundo, por meio dos membros de seu Corpo, sua total dedicação ao Reino, e de unir cada vez mais a Igreja na oferta ao Pai e em seu ser para os outros.

A validade do que se realizou em 11 de junho de 1899 foi confirmada pela doutrina dos meus predecessores, que ofereceram aprofundamentos sobre o culto ao Sagrado Coração e dispuseram a renovação periódica do ato de consagração. Entre eles, recorro com prazer: o santo sucessor de Leão XIII, o Papa Pio X, que determinou em 1906 que ela fosse renovada anualmente; o Papa Pio XI, de venerada memória, que a recordou nas Encíclicas *Quas primas*, no contexto do Ano Santo de 1925, e *Miserentissimus Redemptor*; seu sucessor, o Servo de Deus Pio XII, que tratou do tema nas Encíclicas *Summi Pontificatus* e *Haurietis aquas*; e o Servo de Deus Paulo VI, que, à luz do Concílio Vaticano II, abordou a questão na Epístola Apostólica *Investigabiles divitias* e na Carta *Diserti interpretes*, dirigida em 25 de maio de 1965 aos Superiores Maiores dos Institutos que trazem o nome do Coração de Jesus.

Eu mesmo não deixei de convidar diversas vezes meus irmãos no episcopado, os presbíteros, religiosos e fiéis a cultivarem em sua vida as formas mais autênticas do culto ao Coração de Cristo. Neste ano dedicado a Deus Pai, recorro o que escrevi na Encíclica *Dives in misericordia*: “A Igreja parece professar de modo particular a misericórdia de Deus e venerá-la, voltando-se para o Coração de Cristo. Pois é precisamente aproximando-nos de Cristo no mistério do seu Coração que podemos deter-nos neste ponto — de certo modo central e, ao mesmo tempo, mais acessível no plano humano — da revelação do amor misericordioso do Pai, que constituiu o conteúdo central da missão messiânica do Filho do homem”

(n. 13). Por ocasião da solenidade do Sagrado Coração e do mês de junho, exortei frequentemente os fiéis a perseverarem na prática desse culto, que “contém uma mensagem de extraordinária atualidade para os nossos dias”, pois “do Coração do Filho de Deus, morto na cruz, jorrou a fonte perene da vida que dá esperança a todo homem. Do Coração de Cristo crucificado nasce a nova humanidade, redimida do pecado. O homem do novo milênio precisa do Coração de Cristo para conhecer a Deus e para conhecer a si mesmo; precisa dele para construir a civilização do amor” (*Insegnamenti*, XVII, 1 [1994], 1152).

A consagração do gênero humano de 1899 constitui um passo de extraordinária importância no caminho da Igreja, e continua sendo válido renová-la todos os anos na festa do Sagrado Coração. O mesmo se deve dizer do Ato de Reparação, habitualmente recitado na festa de Cristo Rei. Ainda ressoam atuais as palavras de Leão XIII: “Devemos recorrer, portanto, àquele que é o Caminho, a Verdade e a Vida. Desviamos-nos: é preciso voltar ao Caminho; as mentes se obscureceram: é preciso dissipar as trevas com a luz da Verdade; a morte prevaleceu: é preciso fazer triunfar a Vida” (*Annum Sacrum*, cit., p. 78). Não é este, acaso, o programa do Concílio Vaticano II e do meu próprio pontificado?

2. Enquanto nos preparamos para celebrar o Grande Jubileu do ano 2000, este centenário nos ajuda a contemplar com esperança a nossa humanidade e a entrever o terceiro milênio iluminado pela luz do mistério de Cristo, “Caminho, Verdade e Vida” (Jo 14,6).

Ao constatar que “os desequilíbrios de que sofre o mundo contemporâneo se ligam a um desequilíbrio mais profundo, que tem sua raiz no coração do homem” (*Gaudium et spes*, 10), a fé descobre felizmente que “no mistério do Verbo encarnado encontra verdadeira luz o mistério do homem” (ibid., 22), pois “com a Encarnação, o Filho de Deus uniu-se de certo modo a todo homem. Trabalhou com mãos humanas, pensou com mente humana, agiu com vontade humana, amou com coração humano” (ibid.). Deus dispôs que o batizado, “associado ao mistério pascal e assimilado à morte de Cristo”, pudesse caminhar “ao encontro da ressurreição, confortado pela esperança”; mas isso vale também “para todos os homens de boa vontade, em cujo coração atua invisivelmente a graça” (ibid.). “Todos os homens — recorda ainda o Concílio Vaticano II — são chamados a esta união com Cristo, que é a luz do mundo; dele vimos, por ele vivemos e a ele somos destinados” (*Lumen gentium*, 3).

Na Constituição Dogmática sobre a Igreja, lê-se admiravelmente que “pela regeneração e unção do Espírito Santo, os batizados são consagrados para formar uma morada espiritual e um sacerdócio santo, a fim de oferecer, mediante todas as obras cristãs, sacrifícios espirituais e anunciar as maravilhas d’Aquele que os chamou das trevas para a sua admirável luz (cf. 1Pd 2,4-10). Assim, os discípulos de Cristo, perseverando na oração e louvando juntos a Deus (cf. At 2,42-47), ofereçam-se a si mesmos como vítima viva, santa e agradável a Deus (cf. Rm 12,1); deem testemunho de Cristo por toda parte e deem razão da esperança que neles está — da vida eterna (1Pd 3,15)” (ibid., 10). Diante do desafio da nova evangelização, o cristão que, olhando para o Coração de Cristo, Senhor do tempo e da história, a Ele se consagra e consagra juntamente seus irmãos, descobre-se portador de sua luz. Animado por seu espírito de serviço, coopera para abrir a todos os seres humanos a perspectiva de serem elevados à sua plena realização pessoal e comunitária. “Do Coração de Cristo, com efeito, o coração do homem aprende a conhecer o verdadeiro e único sentido da sua vida e do seu destino, a compreender o valor de uma vida autenticamente cristã, a precaver-se contra certas perversões do coração humano e a unir o amor filial para com Deus ao amor ao próximo” (*Mensagem à Companhia de Jesus*, 5 out. 1986: *Insegnamenti*, IX, 2 [1986], 843).

Desejo expressar minha aprovação e meu encorajamento a todos aqueles que, de qualquer modo, na Igreja continuam a cultivar, aprofundar e promover o culto ao Coração de Cristo, com linguagem e formas adequadas ao nosso tempo, de modo que possam transmiti-lo às futuras gerações no mesmo espírito que sempre o animou. Trata-se, ainda hoje, de conduzir os fiéis a fixar o olhar adorante no mistério de Cristo, Deus e Homem, para se tornarem homens e mulheres de vida interior, pessoas que sentem e vivem o chamado à vida nova, à santidade, à reparação — que é cooperação apostólica na salvação do mundo. Pessoas que se preparam para a nova evangelização, reconhecendo o Coração de Cristo como o coração da Igreja: é urgente que o mundo compreenda que o cristianismo é a religião do amor.

O Coração do Salvador convida a remontar ao amor do Pai, fonte de todo amor autêntico: “Nisto consiste o amor: não fomos nós que amamos a Deus, mas foi Ele que nos amou e enviou o seu Filho como vítima de expiação pelos nossos pecados” (1Jo 4,10). Jesus recebe incessantemente do Pai, rico em misericórdia e compaixão, o amor que Ele prodigaliza aos homens (cf. Ef 2,4; Tg 5,11). Seu Coração revela, de modo particular, a generosidade de Deus para com o pecador. Diante do

pecado, Deus não diminui o seu amor, mas o amplia num movimento de misericórdia que se torna iniciativa de redenção.

A contemplação do Coração de Jesus na Eucaristia levará os fiéis a buscar nesse Coração o inesgotável mistério do sacerdócio de Cristo e do sacerdócio da Igreja. Fará que saboreiem, em comunhão com os irmãos, a suavidade espiritual da caridade em sua própria fonte. Ajudando cada um a redescobrir o próprio Batismo, torná-los-á mais conscientes de sua dimensão apostólica, a ser vivida na difusão da caridade e na missão evangelizadora. Cada um se empenhará mais em rezar ao Senhor da messe (cf. Mt 9,38) para que conceda à Igreja “pastores segundo o seu coração” (Jr 3,15), que, enamorados de Cristo Bom Pastor, moldem o próprio coração à imagem do seu e estejam dispostos a ir pelas estradas do mundo para proclamar a todos que Ele é o Caminho, a Verdade e a Vida (cf. *Pastores dabo vobis*, 82). A isso se unirá também uma ação concreta, para que muitos jovens de hoje, dóceis à voz do Espírito Santo, sejam formados a fazer ressoar na intimidade do próprio coração as grandes esperas da Igreja e da humanidade, e a responder ao convite de Cristo, consagrando-se com Ele, com entusiasmo e alegria, “pela vida do mundo” (Jo 6,51).

3. A coincidência deste centenário com o último ano de preparação para o Grande Jubileu do ano 2000, que tem a “função de dilatar os horizontes do crente segundo a perspectiva de Cristo: a perspectiva do ‘Pai que está nos céus’ (cf. Mt 5,45)” (*Tertio millennio adveniente*, 49), constitui uma ocasião propícia para apresentar o Coração de Jesus como “fornalha ardente de amor, ... símbolo e imagem expressiva daquele amor eterno com que ‘Deus amou tanto o mundo que entregou o seu Filho unigênito’ (Jo 3,16)” (Paulo VI, *Investigabiles divitias*, 5: AAS 57 [1965], 268). O Pai “é Amor” (1Jo 4,8.16), e o Filho unigênito, Cristo, manifesta o seu mistério enquanto revela plenamente o homem ao próprio homem.

No culto ao Coração de Jesus se cumpre a palavra profética recordada por São João: “Olharão para aquele que transpassaram” (Jo 19,37; cf. Zc 12,10). É um olhar contemplativo, que procura penetrar no íntimo dos sentimentos de Cristo, verdadeiro Deus e verdadeiro homem. Nesse culto, o crente confirma e aprofunda sua acolhida do mistério da Encarnação, que tornou o Verbo solidário com os homens, testemunha da busca do Pai por eles. Essa busca nasce no íntimo de Deus, que “ama” o homem “eternamente no Verbo, e em Cristo quer elevá-lo à dignidade de filho adotivo” (*Tertio millennio adveniente*, 7). Simultaneamente, a devoção ao

Coração de Jesus contempla o mistério da Redenção, para descobrir nele a dimensão de amor que animou o seu sacrifício de salvação.

No Coração de Cristo está viva a ação do Espírito Santo, a quem Jesus atribuiu a inspiração de sua missão (Lc 4,18; cf. Is 61,1) e cuja vinda prometeu na Última Ceia. É o Espírito que ajuda a compreender a riqueza do sinal do lado transpassado de Cristo, de onde brotou a Igreja (cf. *Sacrosanctum Concilium*, 5). “Com efeito — escreveu Paulo VI — a Igreja nasceu do Coração aberto do Redentor e desse Coração recebe alimento, pois Cristo ‘entregou-se por ela, para torná-la santa, purificando-a pelo banho da água acompanhada da palavra’ (Ef 5,25-26)” (*Diserti interpretes*, cit.). Por meio do Espírito Santo, o amor que pervade o Coração de Jesus difunde-se no coração dos homens (cf. Rm 5,5), movendo-os à adoração de suas “insondáveis riquezas” (Ef 3,8) e à súplica filial e confiante ao Pai (cf. Rm 8,15-16), através do Ressuscitado, “sempre vivo para interceder por nós” (Hb 7,25).

4. O culto ao Coração de Cristo, “sede universal da comunhão com Deus Pai..., sede do Espírito Santo” (*Insegnamenti*, XVII, 1 [1994], 1152), tende a fortalecer nossos vínculos com a Santíssima Trindade. Por isso, a celebração do centenário da consagração do gênero humano ao Sagrado Coração prepara os fiéis para o Grande Jubileu, tanto pelo seu objetivo de “glorificação da Trindade, da qual tudo procede e para a qual tudo se dirige, no mundo e na história” (*Tertio millennio adveniente*, 55), como por sua orientação eucarística (cf. *ibid.*), na qual a vida que Cristo veio trazer em abundância (cf. Jo 10,10) é comunicada àqueles que dele se alimentam para viver dele (cf. Jo 6,57). Toda a devoção ao Coração de Jesus, em todas as suas manifestações, é profundamente eucarística: expressa-se em piedosos exercícios que estimulam os fiéis a viver em sintonia com Cristo, “manso e humilde de coração” (Mt 11,29), e se aprofunda na adoração. Ela se enraíza e encontra o seu cume na participação da Santa Missa, sobretudo na dominical, onde os corações dos crentes, reunidos fraternalmente na alegria, escutam a Palavra de Deus, aprendem a realizar com Cristo a oferta de si mesmos e de toda a sua vida (*Sacrosanctum Concilium*, 48), alimentam-se do banquete pascal do Corpo e Sangue do Redentor e, compartilhando plenamente o amor que pulsa em seu Coração, esforçam-se por ser cada vez mais evangelizadores e testemunhas de solidariedade e esperança.

Demos graças a Deus, nosso Pai, que nos revelou o seu amor no Coração de Cristo e nos consagrou com a unção do Espírito Santo (cf. *Lumen gentium*, 10), para

que, unidos a Cristo, adorando-O em todo lugar e agindo santamente, consagremos a Ele o próprio mundo (ibid., 34) e o novo milênio.

Conscientes do grande desafio que temos diante de nós, invoquemos o auxílio da Santíssima Virgem, Mãe de Cristo e Mãe da Igreja. Seja Ela quem guie o Povo de Deus além do limiar do milênio que está para começar. Ilumine-o nos caminhos da fé, da esperança e da caridade! Ajude, em particular, cada cristão a viver com generosa coerência a consagração a Cristo, que tem o seu fundamento no sacramento do Batismo e que, de modo oportuno, encontra confirmação na consagração pessoal ao Sacratíssimo Coração de Jesus, no qual somente a humanidade pode encontrar perdão e salvação.

Varsóvia, 11 de junho de 1999, Solenidade do Sagrado Coração de Jesus.

João Paulo II

© Direitos autorais reservados pelo Centro de Estudos Léon Dehon – Faculdade Dehoniana.
É permitida a reprodução integral e a livre circulação para fins não lucrativos.
É proibido o plágio e a cópia, total ou parcial, dos textos e desenhos dos autores – para qualquer finalidade – sem citar a fonte.